



No carnaval da paixão

(entrevista a Lilian Monteiro para o Estado de Minas)

Fui convidado a falar sobre as paixões contemporâneas pelas psicanalistas Lilany Vieira, minha colega da Escola Brasileira de Psicanálise e Julia Ramalho responsável pela presença da psicanálise no Pátio Savassi, em Belo Horizonte, já há alguns anos. Aceitei a proposta. Foi um prazer falar para um público tão diferente quanto este, o de um shopping. Recusei o cargo de especialista do contemporâneo. Há gente muito boa descrevendo com precisão as grandes mudanças que estamos vivendo, inclusive no campo da paixão.¹ A jornalista Lilian Monteiro, interessou-se pelo que ouviu e me enviou as questões que resultaram nessa entrevista. Agradeço.

Marcus André Vieira

O que é a paixão?

Só posso responder lateralmente. Afinal, quem é o psicanalista para saber definir melhor que outros a paixão? Em termos de definições, podemos endossar o sentido geral, a sabedoria comum. Ela sugere que a paixão é alguma coisa que 1) nos transporta, 2) nos ultrapassa e 3) não dura. Nada a corrigir ou a discordar. É verdade que o sentido clássico do termo paixão dava mais ênfase à passividade. Hoje, quando falamos em paixão pensamos sempre em algo violento ou intenso, mas há passividade também nisso, pois somos tomados sem capacidade de dominar o que nos toma. Como se diz: "é mais forte do que eu". É isso mesmo. A psicanálise não propõe nenhuma novidade sobre o que é a paixão, não propõe a verdade sobre a paixão, mas um modo de lidar com ela.

De maneira geral, é comum para a maioria encarar a paixão como arrebatadora, sentimento que sufoca e que gasta energia demais. O amor seria a busca de todos por ser mais "calmo" e "racional". Você concorda?

Eu não colocaria o amor apenas de um lado. Ele tanto pode ser arrebatador, enlouquecido, quanto mais calmo e equilibrado. Com essa ressalva, concordo com a oposição que você propõe. E que é clássica. De um lado uma vivência caótica, de outro um sentimento mais ponderado e sob controle. De um lado o incêndio da paixão, do outro esse fogo controlado, cotidiano, como numa lareira, aquecendo a casa sem grandes riscos.² Mas cada distinção tem um objetivo. O dessa é triar, separar os sentimentos razoáveis dos insensatos, para privilegiar os equilibrados e controlar os enlouquecidos. Não é a ideia de Freud, pois, como já disse em outra ocasião, o analista não toma a paixão como um animal selvagem a ser domesticado e sim como um bloco de carnaval, ou um trio elétrico. Dependendo do ponto onde a gente está quando ela vai passando, tanto pode ser uma maravilha, quanto muito barulho por nada ou ainda um inferno. Uma análise é mais para mudarmos de lugar, nos situarmos em outro ponto em nosso carnaval particular do que para controlá-lo. Por isso Freud propõe outra distinção com relação ao sentimento: entre o visível e o invisível.

¹ Publicado do Jornal *Estado de Minas*, edição de 30/6/2013, caderno "Bem-viver".

Como assim?

Freud não coloca as coisas nesses termos, fala em prazer e de um excessivo além do prazer, mas Lacan propõe retomar sua orientação usando a diferença entre visível e invisível e termos clássicos do universo do sentimento: a emoção e a paixão. Do mundo de coisas que sentimos, ele propõe que reservemos o termo "emoção" para tudo que for "explicável", compreensível, consciente, visível, e que chamemos de paixão aquilo que, mesmo tendo um tanto de elementos conscientes, sempre envolve elementos inconscientes, invisíveis e que por isso mesmo nos leva a fazer coisas surpreendentes. A emoção é tudo que envolve, por exemplo, os amigos queridos, a paixão, aqueles que nos deixam "fora de si". A emoção é prazer que nos dá o marido, a paixão, o amante. O amor, assim como o sexo, pode ser tanto emoção como paixão, depende de como cada um vai vivê-lo. Nisso Lacan propõe uma oposição que recobre e ordena muitas outras. Como a de muitos que opõe sexo e amor, como Rita Lee, por exemplo, afinal, do mesmo modo poderíamos opor amor e amizade, etc.

Homens e mulheres sentem e vivem a paixão de maneira distinta?

Se entendermos "homem" e "mulher" não pela anatomia, mas apenas como gêneros, modos paradigmáticos de organização psíquica e sexual, a resposta é sim. Aprende-se a sentir e a gozar de maneiras variadas em conformidade com a anatomia, mas também com os acidentes da vida. A sociedade oferece dois polos de identificação: um organiza seu prazer especialmente orientado por um "tudo-ou-nada" evidente, este, será o dos homens, o outro, organizado por um "mais-ou-menos" sutil, o das mulheres. Estaremos sempre, cada um, em algum ponto desta linha contínua de identidades que vai do "masculino total" ao "feminino total", nunca integralmente em um dos extremos. Acho que assim fica evidente como a paixão nesse sentido é feminina e a emoção masculina. O jogo de futebol de todas as quintas feiras do marido é emoção, a vontade de matá-lo quando mais uma vez ele deixa a toalha molhada sobre a cama é paixão.

Você fala de paixão contemporânea. A paixão no passado, em outro século, era diferente?

Uma indicação de Lacan é preciosa: se há um estado afetivo característico de nossos dias é a angústia. Ele chama nossa ansiedade de "angústia dos cientistas". Nossos tempos são marcados pela miragem de que a ciência tudo pode, de que, se tivermos dinheiro podemos tudo, tudo mesmo. Com essa expressão Lacan quer indicar o que Kierkegaard chamava de "angústia do possível", de que a ansiedade nasce paradoxalmente do fato de termos muitas possibilidades de escolha. Quanto maior o leque, mais angústia, por isso, tão "cientificistas", somos tão angustiados. É um círculo vicioso: acreditamos tudo poder, então somos obrigados a tudo viver, então nos angustiamos por não conseguirmos tudo, então queremos uma solução para nossa angústia que, porém é causada justamente por acharmos que tudo podemos, inclusive, encontrar uma solução pronta e disponível para a angústia, que dê logo resultado. Essa talvez seja a paixão maior de nossos tempos, a paixão do resultado, exigimos de nós mesmos e do mundo resultados, concretos e imediatos. Uma análise só começa quando conseguimos

Você diz que uma análise joga o jogo da paixão, como jogar o jogo da paixão?

O tratamento freudiano da paixão começa quando a gente consegue jogar com a paixão da solução, a paixão do resultado. Começa quando a gente consegue que alguém aceite voltar a nos ver sem que a gente tenha dado nenhuma resposta concreta, nem oferecido técnica infalível ou receitas de bem viver, apenas proposto uma aposta. Apostamos, junto com sujeito, que há alguma coisa em sua própria vida, em sua história concreta, que tem sido sistematicamente deixada de lado, ou colocada embaixo do tapete e que pode dar um novo destino 'as suas aflições. É o que chamamos "inconsciente". Então, em vez de contrato, do tipo "para seu problema, tenho a solução", uma aposta.

Pela apresentação da sua palestra em BH, disse que não acha a paixão incontrolável ou excessiva. Aliás, acha que são clichês. Ninguém conseguiria viver em estado de paixão por muito tempo, você não concorda? Por favor, comente.

A questão seria: qual o resultado da aposta? Uma análise propõe-se a descobrir para cada um de que modo a paixão entrega o segredo que esconde: a toalha sobre a cama do marido, enlouquece a mulher porque remete a ínfimos detalhes obscuros que estão coordenando o jogo da paixão sem que possamos fazer nada com eles. Torná-los em parte visíveis é uma das tarefas de uma análise. A outra, principal, é decidir o que fazer a partir daí. Com relação a isso cada um terá que inventar seu modo. O que posso afirmar é que, uma vez redescobertos companheiros e fantasias de festas passadas, uma vez mudado, por conta destes reencontros nosso lugar no desfile, nosso carnaval particular nunca mais será o mesmo.

MARCUS ANDRÉ VIEIRA é psicanalista e psiquiatra, membro da Escola Brasileira de Psicanálise, da qual foi Diretor e Presidente, doutor em psicanálise pela Universidade de Paris VIII e professor do Programa de Pós-Graduação do Departamento de Psicologia da PUC-Rio; coordenador do Centro de Atendimento Digaí, na Favela da Maré; autor, entre outros, de *Restos – uma introdução lacaniana ao objeto da psicanálise* (Contra Capa, 2009) e *A paixão* (Zahar, 2001).

¹ Podemos endossar a passagem do sólido para o líquido como metáfora principal, proposta por Baumann, para descrever os amores de ontem e os de hoje, ou reconhecer, com Artog, o sentimento de urgência, de um "presentismo" generalizado, como manifestação afetiva principal de nossos dias, ou ainda o ocaso da culpa (ninguém mais é culpado hoje), de Lipovetsky.

² Nesse universo tão rico e complexo os nomes variam muito. A distinção que você propõe, por exemplo, é sustentada mais ou menos da mesma maneira por Kant, mas os sentimentos incendiários e arrebatadores ele chama de emoções (em vez de paixão) e reserva para o mais estável e duradouro, justamente o termo paixão.